

Assepsia é medida preventiva

Em 1847, o médico húngaro Ignes Semmelweiss descobriu que as infecções hospitalares eram preveníveis com procedimentos simples, como lavar as mãos. Passados 144 anos, a mortalidade por infecção hospitalar continua alta. Das 11 milhões de pessoas internadas em hospitais brasileiros no ano passado, um milhão contraiu algum tipo de infecção. De-las, 53 mil morreram por causa da contaminação.

Toda doença cujos sintomas se manifestam após a internação do paciente ou depois da alta é considerada infecção hospitalar, desde que possa ser relacionada à hospitalização. A gastroenterite, cujos sintomas são vômitos, diarréia e febre, está entre as infecções mais comuns. A doença normalmente surge em pacientes com defesa imunológica deficiente, como idosos, bebês prematuros e portadores de diabetes ou câncer. Cirurgias, colocação de sondas e catéteres para medicação com soro endovenoso e tratamento de pacientes em Unidades de Terapia Intensiva facilitam a contaminação dos doentes por vírus e bactérias.

A organização Pan-Americana de Saúde (Opas) estima que a taxa de infecção hospitalar em países do Terceiro Mundo varie de seis a 15 por cento. No Brasil, não existem cálculos exatos de quantas pessoas são infectadas a cada ano, mas a estimativa gira em torno de dez por cento do total de internações.

Embora sejam difíceis de se eliminar, porque dependem do estado de saúde do paciente, acredita-se que um terço das infecções hospitalares sejam evitáveis. Pesquisa do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco revela que a infecção hospitalar aumenta a permanência no hospital de doentes infectados por, no mínimo, cinco dia.

O Brasil gasta 500 milhões de dólares por ano no tratamento de vítimas da infecção hospitalar. Caso acabasse com a terça parte que se acredita ser evitável, o País economizaria pelo menos 170 milhões de dólares anuais. As doenças respiratórias e urinárias e as feridas cirúrgicas representam mais da metade das infecções registradas no País.